

CONVERSAÇÃO *ON LINE*: TEMPOS PANDÊMICOS – HABITAR E ARQUITETURA |
ONLINE CONVERSATION: PANDEMIC TIMES – DWELLING AND ARCHITECTURE

Juhani Pallasmaa¹
Valentín Arechaga²

Juhani Pallasmaa é arquiteto, professor e escritor, tem experiência de docência em diferentes universidades do mundo e através das suas inúmeras obras e escritos podemos aprender com seu pensamento que articula áreas de arte, arquitetura, urbanismo, filosofia e psicologia. Suas contribuições são essenciais para a compreensão das nossas arquiteturas e do nosso ser no mundo.

A entrevista foi realizada por Valentín Arechaga em um encontro *on-line* no dia 2 de julho de 2020, para pensar e debater sobre os impactos da pandemia na experiência de habitar a cidade e do ensino de arquitetura. O professor Pallasmaa se encontrava em quarentena em seu chalé no lago Enäjärvi, na Finlândia, e a conversa durou em torno de uma hora. A entrevista foi pensada para ser disponibilizada no Canal FAUFRJ do Youtube, mas, infelizmente, por problemas técnicos, a gravação do encontro não teve qualidade suficiente para ser publicada como vídeo. Temos a sorte de contar com a transcrição de grande parte dessa entrevista que publicamos aqui no original em inglês e sua tradução³ para o português.

¹ Arquiteto, foi professor na Helsinki University of Technology, Finlândia, diretor do Museu de Arquitetura da Finlândia e professor convidado em diversas faculdades do mundo. Autor de inúmeros artigos e livros sobre filosofia, arquitetura e arte. jpallasmaa@gmail.com.

✉ Tehtaankatu, 13, b. 29, Helsinki, Finland. 00140.

² Arquiteto pela Universidad de Buenos Aires, Argentina, Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em arquitetura paisagística e doutorando em Urbanismo no PROURB na mesma instituição. valentin.arechaga@fau.ufrj.br.

✉ Avenida Claudio Besserman Vianna, 03, bl. 7, apto 905, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, RJ. 22775-036.

³ Tradução realizada por Valentín Arechaga.

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

Valentín Arechaga – Há um conto de Isaac Asimov intitulado “Como se divertiam”, escrito em 1951, no qual o autor imagina uma educação a distância e remota que ocorre em casa ao invés da escola. A primeira pergunta parte de seu artigo “Aprender e Desaprender” (PALLASMAA, 2018)⁴ conectado com este conto e com nosso presente. Como podemos imaginar o ensino e o aprendizado de arquitetura e paisagismo nos tempos que vivemos? Você acha que nós (escolas de arquitetura) deveríamos estar preparados para este tipo de processo de ensino a longo prazo? O que podemos perder e ganhar com esta nova forma de ensino?

Juhani Pallasmaa – O tempo pandêmico nos fez ver as práticas diárias de viver e trabalhar, como também a educação, a partir de novas perspectivas. Antes da pandemia se propagar na Europa, eu estava dando aula no formato “Visiting Studio” na ETSAB Escola Técnica Superior d’Arquitectura de Barcelona desde fevereiro. Um dia depois da universidade fechar eu voltei para a Finlândia e continuei ensinando no programa – em ambas as formas, aulas teóricas e práticas – *on-line* desde Helsinki. Tecnicamente o ensino *on-line* parecia funcionar apropriadamente, mas eu achei extremamente cansativo. É sabido desde os anos 1960 que aproximadamente 80% da comunicação humana cara a cara é inconsciente e não verbal. Meu cansaço depois das aulas remotas eram consequência do fato de que eu – como todos na aula, eu acredito – tentava levar uma comunicação plena através deste canal totalmente limitado. No final dos anos 1960 eu estava muito interessado no método de psicoterapia física desenvolvida pelo terapeuta de New York Alexander Lowen (1910-2008) em seu livro “The

⁴ “Aprender e Desaprender. A perspectiva mental na arquitetura e na educação”, foi escrito originalmente para “Vorkurs”, publicação da University of Florida’s Graduate School of Architecture, v. 1, 2017, em 2016. O artigo reúne as palestras “Paisagens da educação arquitetônica: arquitetura, conhecimento e sabedoria existencial” de 2011 e “Novidade, tradição e identidade: o significado existencial na arquitetura” de 2012. No Brasil o artigo pode ser encontrado traduzido no livro “Essências”, 2018.

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

Valentín Arechaga – There is a short story from Isaac Asimov called “The fun they had”, written in 1951, where the author imagines long distance and home education instead of school. The first question arrives from your paper “Learning and Unlearning”¹ connected to this short story and our present. How could we imagine the teaching and learning of architecture and landscape in the time we are living? Do you think we (architecture school) should be prepared for this kind of teaching process in the long term? What can we lose and win with this new way of learning?

Juhani Pallasmaa – The pandemic time has made us see the daily practices of living and working, as well as education from new perspectives. Before the pandemia spread in Europe, I was teaching a Visiting Studio at the ETSAB Technical University of Barcelona since early February. A day after the university was closed, I flew back to Finland and continued to teach the studio – both lectures and studio crits – online from Helsinki. Technically the online teaching seemed to advance appropriately, but I found it to be extremely tiresome. It has been known since the 1960s that around 80 % of human face to face communication is unconscious and non-verbal. My tiredness after the online teaching sessions was a consequence of the fact that I – as everyone else in the class, I believe – tried to carry a full communication through this utterly limited channel. In the late 60s I was very interested in the physical psycho-therapy method developed by the New York based therapist Alexander Lowen (1910-2008) through his book “The

¹ Published on “Vorkurs”, University of Florida’s Graduate School of Architecture, v. 1, 2017.

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

Language of the Body” (1958) – o título do seu último livro de 2005 é “The Voice of the Body”. Seu pensamento radical era que o canal verbal, que é normalmente usado na terapia, é demasiado estreito para mediar todos os conteúdos que devem ser tratados na terapia. Para mim, a comunicação e o aprendizado acontecem em diferentes níveis de consciência, percepção e atenção. Esta observação serve também para o ensino e para a educação. Eu já contei algumas vezes que aprendi mais dos meus professores na Universidade de Tecnologia de Helsinki no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960 os observando caminhando nos corredores da faculdade que os ouvindo nas aulas. Isto pode parecer uma subestimação da mensagem intelectual dos meus professores, mas eu estou simplesmente enfatizando a importância da presença física na comunicação e ensino humanos. Por exemplo, a qualidade ética de uma pessoa se sente através da sua presença e seu ser corporal não intencional.

Quando o poeta americano Karl Shapiro entrevistou John Hejduk, o lendário decano da Cooper Union School of Art, Design and Architecture, ele perguntou sobre o método de ensino de Hejduk. “Eu ensino osmoticamente, por osmose”, Hejduk respondeu. É pelos oitenta por cento da comunicação que viajamos através do mundo para ver e ouvir nossos mestres e ídolos. Eu também gostaria de adicionar que, nos processos de ensino no trabalho criativo, corporificação, simulação e identificação corporal são essenciais. Não pensamos, simplesmente, através das palavras e conceitos, pensamos através de identificações e metáforas corporificadas.

Lamentavelmente, a pandemia parece que terá nos ensinado muito pouco, se fazemos da educação remota nosso modelo para educação. A comunicação digital fortalece a ênfase unilateral da informação na educação. Eu também estou chocado que todos os países do mundo estejam agora resgatando a ideia de crescimento

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

Language of the Body” (1958) – the title of his last book in 2005 is “The Voice of the Body”. His radical thought was that the verbal channel, which is normally used in therapy, is far too narrow to mediate all the mental contents that have to be dealt with in therapy. In my view, communication and learning take place on several levels of consciousness, awareness and attention. This observation is also true in teaching and education. I have sometimes said that I learned from my professors at the Helsinki University of Technology in the late 1950s and early 1960s more when watching them walk on the corridors of the school than listening to their lectures. This may sound as an underestimation of the intellectual message of my teachers, but I am simply emphasizing the importance of physical presence in human communication and learning. For instance, the ethical quality of a person is felt through his/her presence and unintentional bodily being.

When the American poet Karl Shapiro interviewed John Hejduk, the legendary Dean of the Cooper Union School of art, design and architecture, he asked about Hejduk’s teaching method. “I teach osmotically, through osmosis”, Hejduk answered. It is because of the 80 percent of communication, that we travel across the world to see and hear our teachers and idols. I would also like to add that, in the learning processes in creative work, embodiment and bodily simulation and identification are essential. We do not, simply, think through words and concepts; we think through embodied identifications and metaphors.

Regrettably, the pandemic seems to have taught us very little, if we make online education our new model for education. Digital communication, altogether, strengthens the already one sided emphasis on information in education. I am also shocked that all countries of the world are now rushing back to the idea of perpetual

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

perpétuo na economia e produção, apesar de ser uma meta impossível e eventualmente mortal.

Arechaga – Um diálogo interessante entre nosso corpo, mente e alma vem a tona quando vivemos na cidade. É possível morar em uma cidade grande e estressante, com todas as impressões negativas e o barulho e nos acostumar e até, inclusive, sentir falta quando não estamos morando mais lá? Você costuma dizer que estudantes de arquitetura não aprendem a fazer lares, mas casas, quando estudamos as cidades onde moramos, podemos chamá-las de lar?

Pallasmaa – Nossos sistemas mentais e sensoriais são resultado da evolução. Buscamos naturalmente ambientes e situações nas quais fomos sintonizados durante nosso tempo evolutivo sem fim. Digo isto como argumento no nível biológico. Mas somos simultaneamente seres biológicos e culturais e, também, individualmente diferentes. Existem indivíduos que desejam estar rodeados por outros e por fortes estímulos sensoriais. Eu sou particularmente uma pessoa de cultura de floresta, e me sinto melhor quando estou rodeado de natureza segura, independentemente do fato de ter realizado 108 voltas ao redor do mundo durante a minha vida.

O lar é uma qualidade fundamental para a maior parte de nós. Como Gaston Bachelard escreveu, nosso lar torna o mundo em volta de nós num cosmos significativo. Outro pensador, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), filósofo e sacerdote francês, nomeia uma localização mística “O Ponto Ômega” a partir da qual o mundo aparece corretamente e completamente. Nosso lar é o ponto Ômega para nós, eu sempre voltei das minhas incontáveis viagens de regresso para casa para reestruturar e reorganizar meu mundo experiencial novamente. O poder mental do lar é refletido igualmente no fato negativo, que pode se converter em um lugar de tortura, prisão e alienação.

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

growth in economy and production, although it is an impossible and eventually, a deadly goal.

Arechaga – An interesting dialogue between our body, mind and soul comes to us while living in the city. Is it possible to live in a big and stressful city with all its negative impressions and loudness and get used to it and to actually miss it when we are not living in it? You say architecture students don't learn to make homes but houses, when we study the cities we live in, can we call them home?

Pallasmaa – Our sensory and mental systems are a result of evolution. We naturally seek environments and situations that we have been tuned in during our endless evolutionary time. I am saying this as an argument on biological level. But we are simultaneously biological and cultural beings and, besides, individually different. There are individuals who desire to be surrounded by others and overwhelming sensory stimuli. I am myself a person of forest culture, and I feel best when surrounded by safe nature, regardless of the fact that I have made 108 circuits around the globe in my life.

Home is a fundamental quality for most of us. As Gaston Bachelard writes, home turns the world around us into a meaningful cosmos. Another thinker, Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), the French philosopher and priest names a mystical location “The Omega Point”, from which the world appears correctly and completely. Our home is the Omega point for us, and I have always returned from my countless journeys back home to restructure and reorganize my experiential world again. The mental power of home is reflected equally in the negative fact, that it can also turn into a place of torture, imprisonment and alienation.

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

Solidão e silêncio são condições essenciais para o equilíbrio mental e para a capacidade criativa. Recomendo ler livros e cartas de Rainer Maria Rilke, o poeta gênio, para encontrar belas e convincentes perspectivas sobre a significação dessas duas noções. De todas as formas, solidão e silêncio são benevolentes e produtivos apenas quando são condições voluntárias e enriquecidas pela escolha de frequentar o espaço coletivo e de comunicação à vontade.

Arechaga – Pensando na sua pesquisa “Identidade, Intimidade e Domicílio”⁵, poderia a experiência da pandemia trazer um novo significado à teoria da poética do espaço de Gaston Bachelard? O lar pode ainda ser um “instrumento para confrontar o cosmos”?

Pallasmaa – Fazendo referência a minha resposta à segunda pergunta acima, a situação da pandemia é uma condição forçada, e todas as condições forçadas, mesmo as prazerosas podem se converter em uma limitação e punição. A ideia de Bachelard do lar como “instrumento para confrontar o cosmos” é altamente válida na nossa era atual de esquecer de como habitar. Como Martin Heidegger aponta em “Construir, habitar, pensar”, habitar não é um ato autoevidente – tem que ser aprendido e mantido, mas desde o século XIX, o ser humano moderno tem esquecido de como habitar.

Arechaga – Existe alguma relação entre ensinar em diferentes universidades de diferentes países e a experiência de morar em diferentes casas? Como essas experiências nos trazem uma compreensão mais profunda do mundo?

⁵ “Identidade, intimidade e domicílio. Observações da fenomenologia do lar”. Escrito em 1994, publicado originalmente no livro “The Home: words, interpretations, meanings and environments”, de David N. Benjamin, David Stea e Eje Arén (1995, p. 131-147). No Brasil o artigo pode ser encontrado no livro “Habitar”, 2018.

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

Solitude and silence are essential conditions for mental balance and creative capacity. I advise you to read books and letters by Rainer Maria Rilke, the poet genius, to encounter beautiful and convincing views of the significance of these two notions. However, solitude and silence are benevolent and productive only if they are voluntary conditions and enriched by the choice of joining collective space and communication at free will.

Arechaga – Thinking in your research “Identity, Intimacy and Domicile”² could this pandemic experience bring a new significance to Gaston Bachelard’s poetics of space theory? Home could still be an “instrument to confront cosmos”?

Pallasmaa – Referring to my response to your second question above, the pandemic situation is a forced condition, and all forced conditions – even the pleasurable ones – can turn into a limitation and punishment. Bachelard’s idea of home as an “instrument to confront cosmos”, is highly valid in our current era of forgetting how to dwell. As Martin Heidegger points out in “Building Dwelling Thinking”, dwelling is not a self-evident act – it has to be learned and maintained, but ever since the nineteenth century, the modern man has been forgetting how to dwell.

Arechaga – Is there some relation between the experience in teaching in different universities in different countries and to the experience of living in different houses? How do these experiences bring us a deeper comprehension of the world?

² Published in “The Home: words, interpretations, meanings and environments”, David N. Benjamin, David Stea e Eje Arén (1995, p. 131-147).

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

Pallasmaa – Ensinar e aprender estão altamente carregadas culturalmente. Provavelmente, ensinar matemática, lógica e ciência pode ser, de alguma forma, independente das nossas condições culturais específicas, mas arte e arquitetura estão profundamente entrelaçadas com tradições, acordos e crenças principalmente invisíveis. Se ensinar arquitetura requer ser sensível à cultura, assim também deve ser a prática do projeto arquitetônico. A importância arquitetônica das décadas passadas, nas quais um grupo de arquitetos, elevados à categoria de estrelas, estão projetando ao redor do mundo, violenta e agressivamente as características e valores culturais, na maioria das vezes, nos mais sutis, quase inconscientes aspectos da cultura comportamental.

A humanidade precisa de um novo modelo econômico que não esteja baseado em crescimento e lucro, mas também do entendimento decisivamente sensibilizado e refinado da cultura. Muitos arquitetos podem estar interessados em estudos antropológicos de diferentes culturas e suas línguas invisíveis, mas só podem lidar com estes temas sutis em termos de aspectos superficiais dos fenômenos da cultura.

Arechaga – Atualmente existe uma tendência na arquitetura chamada de “Arquitetura instagramável” (Exemplo: The Yardhouse, of Assemble Architecture in Liverpool) Você pensa que isso poderia ser uma abordagem negativa à arquitetura? Isso está dando mais significado ao sentido visual ou podemos ainda sentir e experimentar novas texturas e sentimentos ao mesmo tempo?

Pallasmaa – Me tornei bastante crítico e impaciente com as abordagens conceitualizadas, intelectualizadas e “de marca” na arquitetura. Estas orientações atuais sobre uma imagem cativante me parecem superficiais e fabricadas conscientemente. Para mim, a arquitetura real sempre teve uma natureza de mediação e diálogo,

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

Pallasmaa – Teaching and learning are highly culturally charged. Probably, teaching mathematics, logic and sciences could be rather independent of the specific local cultural conditions, but art and architecture are deeply intertwined with mostly invisible cultural traditions, agreements and beliefs. If teaching architecture needs to be culture-sensitive, so does architectural design practice. The architectural import of the past decades, in which a score of architects elevated to the star-category, are designing all around the world, violates aggressively the special cultural characteristics and values, mostly in the most subtle, barely conscious aspects of behaviour culture.

Humankind urgently needs a new economic model, which is not based on growth and profit, but also a decisively sensitized and refined understanding of culture. Many architects may well be interested in anthropological studies of different cultures and their invisible languages, but they can only deal with these subtle issues in terms of superficial surface phenomena of culture.

Arechaga – There is an architecture trend nowadays, the “Instagrammable Architecture”. (Example: The Yardhouse, of Assemble Architecture in Liverpool) Do you think this could be a negative approach to architecture? Is this giving more significance to visual sense or we could still feel and experience new textures and senses as well?

Pallasmaa – I have become quite critical and impatient of the conceptualized, intellectualized and branded approaches in architecture. These current orientations towards a momentarily catching image seem shallow and consciously fabricated to me. For me, real architecture has always had a mediating and dialogical

Conversação on-line: tempos pandêmicos – habitar e arquitetura
Juhani Pallasmaa e Valentín Arechaga

ao invés de ser imagens autossuficientes. A arquitetura que valorizo é uma mediação entre nós e o mundo, e transmite algo essencial sobre nossa relação com o mundo e o ato existencial de ser e de habitar. A mensagem fundamental da arquitetura é existencial, ela não é uma apresentação da ingenuidade ou inteligência formal do projetista, nem mesmo a habilidade de manipular imagens visuais.

Arechaga – Nossos/as estudantes estão vivendo tempos difíceis devido ao isolamento social e ao futuro incerto nos momentos que vivemos. Você gostaria de enviar uma mensagem para eles/as?

Pallasmaa – Como falei antes, uma solidão existencial e a aceitação da incerteza são condições obrigatórias no trabalho criativo. De qualquer forma, isto não implica um isolamento do mundo. Como Salman Rushdie escreve: “A literatura é feita no limite entre o ser e o mundo, e durante o ato criativo esse limite se suaviza, se converte em penetrável e permite ao mundo fluir para dentro do artista e o artista fluir para dentro do mundo”. Este mesmo intercâmbio tem que acontecer na arquitetura. ○

Online conversation: pandemic times – dwelling and architecture

nature, instead of being self-sufficient visual images. The architecture that I value is a mediation between us and the world, and it conveys something essential about our relation with the world and the existential act of being and dwelling. The fundamental message of architecture is existential, it is not a presentation of the formal ingenuity or intelligence of the designer, or even the skill of manipulating visual images.

Arechaga – Our students are having a hard time due to the social isolation and the uncertain future and the times we are living, would you like to send a message to them?

Pallasmaa – As I said earlier, an existential solitude, and acceptance of uncertainty are obligatory mental conditions in creative work. This does not, however, imply an isolation from the world. As Salman Rushdie, the author writes: “Literature is made at the borderline between self and the world, and during the creative act this borderline softens, turns penetrable and allows the world to flow into the artist and the artist to flow into the world”. This very same exchange has to take place in architecture. ○